Five Nights at Freddy's

OLHOS PRATEADOS

SCOTT CAWTHON
KIRA BREED-WRISLEY

intrínseca

Five Nights at Freddy's

OLHOS PRATEADOS

SCOTT CAWTHON
KIRA BREED-WRISLEY

Tradução de Glenda D'Oliveira

intrínseca

CAPÍTULO UM

Ele está me vendo.

Charlie se ajoelhou no chão. Estava espremida entre uma fileira de fliperamas e a parede, em cima de um emaranhado de fios e tomadas inúteis espalhadas. Havia sido encurralada; a única saída era passar pela coisa, mas a menina nunca seria rápida o bastante. Por entre as máquinas tinha vislumbres daquilo andando de um lado para outro. Não havia muito para onde ir, mas Charlie tentou engatinhar para trás. Quando seu pé ficou preso em um fio, ela parou e se contorceu com cuidado para soltá-lo.

Ouviu um estrondo de metal, e a máquina mais distante tombou na direção da parede. A coisa atacou outra vez, estilhaçando a tela, depois se dirigiu à máquina ao lado, e foi golpeando uma por uma em um movimento quase ritmado, destruindo tudo e se aproximando cada vez mais do esconderijo de Charlie.

Tenho que sair daqui. De qualquer jeito! O pensamento desesperado era inútil; não havia saída. O braço de Charlie doía, sua

vontade era gritar. O curativo estava ensopado de sangue, e a menina tinha a sensação de que estava se esvaindo, ficando seca.

O fliperama a alguns centímetros de seu esconderijo bateu na parede, e ela se encolheu. A coisa estava chegando mais perto; Charlie ouvia o ranger das engrenagens e os cliques do mecanismo, cada vez mais alto. Mesmo de olhos fechados, via a maneira como aquilo olhava para ela, podia visualizar a pelagem suja, embaraçada, e o metal exposto por baixo da carne sintética.

De repente, a máquina à sua frente foi atirada para longe como se fosse um mero brinquedo. Os fios e cabos embaixo de Charlie foram puxados com força, e ela escorregou, quase sendo derrubada. Recuperou o equilíbrio e olhou para cima a tempo de ver o golpe do gancho...

BEM-VINDO A HURRICANE, UTAH.

Charlie abriu um sorriso amargo ao avistar o letreiro e continuou dirigindo. O mundo não parecia nem um pouco diferente ali do outro lado da placa, mas ela sentiu um misto de ansiedade e nervosismo ao atravessar aquela fronteira. Não reconheceu nada no lugar. Mas também não estava esperando reconhecer mesmo, não ali, onde só havia estrada e áreas abertas, tão distante do centro.

Ela se perguntou como estariam os outros, quem haviam se tornado. Dez anos antes, eram todos melhores amigos. E então *aquilo* aconteceu, e tudo acabou, pelo menos para Charlie. Não os via desde que tinha sete anos. Na infância, trocavam cartas o tempo todo, principalmente com Marla, que escrevia como

falava: rápido e sem muita coerência. Mas com os anos foram se distanciando, as cartas, diminuindo, e as conversas que levaram àquela viagem tinham sido todas superficiais e repletas de pausas constrangedoras. Charlie repetia os nomes como se quisesse reafirmar a si mesma que ainda se lembrava: *Marla. Jessica. Lamar. Carlton. John. E Michael...* Michael era a razão da viagem, afinal. Tinham se passado dez anos desde sua morte, dez anos desde o *acontecimento*, e os pais do menino queriam que todos se reunissem para uma cerimônia em sua homenagem. Queriam todos os velhos amigos presentes ao anunciarem a bolsa de estudos que estavam instituindo em nome do filho. Charlie sabia que a intenção era boa, mas a reunião ainda lhe parecia um pouco macabra. Estremeceu e desligou o ar-condicionado, embora soubesse que a sensação não tinha nada a ver com o frio.

Ao chegar ao centro da cidade, começou a reconhecer determinados pontos: algumas lojinhas e o cinema, que estava anunciando o sucesso de bilheteria do verão. Ficou surpresa e abriu um sorrisinho. *O que estava esperando? Que a cidade inteira tivesse permanecido a mesma? Um monumento à sua partida, congelado por toda a eternidade no mês de julho de 1985?* Bem, sim, era exatamente aquilo que estava esperando. Olhou o relógio. Ainda tinha algumas horas antes do encontro. Pensou em ir ao cinema, mas sabia o que realmente queria. Fez uma curva para sair do centro.

Dez minutos depois, desligou o motor e saiu do carro.

A casa a engolia de tão grande, a silhueta escura da construção era como uma ferida no céu azul-claro. Charlie se apoiou no automóvel, um pouco tonta. Respirando fundo, levou um instante para se recompor. Sabia que a encontraria lá. Uma bis-

bilhotada nos extratos bancários da tia alguns anos antes tinha revelado que a hipoteca fora paga e que tia Jen continuava arcando com os custos dos impostos. Só fazia uma década; não havia por que ter mudado nada na casa. Charlie subiu a escadinha devagar, observando a tinta descascada. O terceiro degrau ainda tinha uma tábua solta, e as roseiras haviam tomado conta da lateral da varanda, os espinhos cravados, famintos, na madeira. A porta estava trancada, mas Charlie ainda carregava sua chave no cordão. Jamais chegara a usá-la. Quando a colocou na fechadura, se lembrou da vez em que o pai pendurara aquela correntinha em seu pescoço. *Caso você precise um dia.* Bom, o dia havia chegado.

A porta se abriu com facilidade, e Charlie olhou ao redor. Não lembrava muita coisa dos seus primeiros anos ali. Era um bebê na época, e aquelas memórias haviam se dissipado na névoa de luto e perda de uma criança. Junto com a incapacidade de compreender por que a mãe tivera que ir embora, e a necessidade de se agarrar ao pai por causa disso, desconfiando de tudo o que não o incluísse e só conseguindo se sentir confortável em sua presença, ou afundada em suas camisas de flanela e em seu cheiro de graxa e metal quente.

A escada se estendia à sua frente, mas em vez de subir ela foi para a sala de estar, onde toda a mobília continuava no mesmo lugar. Nunca percebera quando criança, mas a casa era um pouco grande demais para os poucos móveis que tinha. As coisas eram posicionadas distantes umas das outras para preencher o espaço: a mesinha de centro ficava longe do sofá, de modo que quem estivesse sentado não conseguia alcançá-la; a poltrona ficava quase do outro lado do cômodo, isolada. Havia uma man-

cha escura no piso perto do centro da sala. Charlie a contornou depressa e foi até a cozinha, onde os armários só guardavam algumas panelas, frigideiras e pratos. Nunca sentira falta de nada na infância, mas naquele momento lhe parecia que a enormidade desnecessária da casa era uma espécie de pedido de desculpas; um homem que tinha sofrido tantas perdas tentando dar à filha tudo o que podia. Não importa o que fizesse, ele sempre tendia a exagerar.

Na última vez em que ela estivera naquela casa, o lugar estava escuro e tudo lhe parecia errado. Foi carregada até o quarto no andar de cima, embora já tivesse sete anos na época e pudesse chegar mais rápido se fosse andando. Tia Jen havia parado na varanda para pegá-la no colo e protegeu seu rosto como se Charlie fosse um bebê sob o sol escaldante.

No quarto, a tia a colocou no chão, fechou a porta e mandou que arrumasse a mala. Charlie então chorou porque sua malinha tão pequena jamais daria conta de todos os seus pertences.

"Voltamos depois para pegar o resto", dissera a tia, sem disfarçar a impaciência enquanto a menina enrolava, indecisa, em frente ao armário, tentando escolher que camisetas levar. Nunca voltaram para pegar o que ficou para trás.

Charlie subiu a escada e seguiu para seu antigo quarto. A porta estava entreaberta, e, ao entrar, foi tomada por uma sensação vertiginosa de deslocamento, como se estivesse prestes a encontrar, sentada no chão, cercada de brinquedos, uma versão mais nova de si mesma, que olharia para ela e perguntaria: *quem é você?*

Como o restante da casa, o quarto estava intocado. As paredes eram de um tom pálido de rosa, e o teto, que tinha uma inclinação acentuada acompanhando o telhado, era da mesma cor. A

cama continuava encostada na parede, embaixo de uma grande janela; o colchão permanecia intacto, embora sem roupa de cama. Havia uma frestinha de janela aberta, e cortinas de renda já apodrecendo ondulavam na brisa gentil que entrava. Uma mancha escura na pintura ali embaixo, onde a chuva tinha se infiltrado por anos a fio, entregava o abandono da casa. Charlie subiu na cama e fechou a janela, que resistiu um pouco, com um rangido. Depois ela se afastou e voltou sua atenção para o restante do cômodo, para as criações do pai.

Em sua primeira noite na casa, Charlie teve medo de dormir sozinha. Não se lembrava da ocasião, mas o pai lhe contara tantas vezes que a história acabou quase virando uma lembrança. Charlie se sentou na cama e chorou, desesperada, até que ele foi ao quarto, a pegou no colo e, com um abraço, prometeu que ela jamais ficaria sozinha de novo. Na manhã seguinte, a levou pela mão até a garagem, onde começou a trabalhar, determinado a cumprir a promessa.

Sua primeira invenção foi um coelho roxo, que ficara cinza com o tempo, por causa da exposição ao sol. O pai o chamara de Theodore. Era do tamanho de uma criança de uns três anos — o tamanho da própria Charlie, na época — e tinha pelo macio, olhos brilhantes e uma elegante gravata-borboleta. Não fazia nada de muito complexo, apenas acenava a mão, inclinava a cabeça para o lado e dizia na voz do pai: "Eu te amo, Charlie." Mas seria um ótimo vigilante noturno, alguém para fazer companhia quando a menina não conseguisse dormir. Tantos anos depois, ela encontrava Theodore ali, sentado na cadeira de vime em um canto afastado do quarto. Charlie acenou para ele, que, desligado, não respondeu ao gesto.

Depois do coelho, os brinquedos foram ganhando mais complexidade. Alguns deram certo, outros não; alguns pareciam ter falhas permanentes, enquanto outros simplesmente não atraíam a imaginação infantil de Charlie. Esses, ela sabia que o pai levava de volta à oficina para aproveitar algumas partes, embora ela não gostasse de vê-los sendo desmantelados. Mas os que ficavam, os que ela amava, estavam ainda ali, olhando para sua dona com grande expectativa. Sorrindo, Charlie apertou um botão ao lado da cama. Com certa resistência, ele cedeu, mas nada aconteceu. Ela voltou a apertá-lo, dessa vez segurando por mais tempo, e, do outro lado do cômodo, com o ruído desgastado de metal arranhando metal, o unicórnio começou a se mover.

O unicórnio (Charlie lhe dera o nome de Stanley por alguma razão que já não lembrava mais) era feito de metal e tinha sido pintado de branco com acabamento brilhoso. Deu a volta pelo quarto sob um trilho circular, balançando a cabeça para cima e para baixo, o pescoço rijo. O trilho guinchou quando Stanley fez uma curva e parou ao lado da cama. Charlie se ajoelhou no chão e acariciou o unicórnio. A tinta reluzente estava arranhada e descascando, e o focinho dele tinha perdido a batalha contra a ferrugem. Os olhos continuavam vivazes, imunes à decadência.

— Você está precisando de uma pintura nova, Stanley — comentou Charlie.

O unicórnio continuou olhando para a frente, inerte.

Ao pé da cama ficava uma roda. Feita de pedacinhos de metal unidos com solda, aquilo sempre a fizera pensar em alguma peça de um submarino. Charlie a virou. Ficou emperrada por uns segundos, depois cedeu, girando como de costume, e do outro lado do quarto, a menor porta do armário se abriu. De

dentro dele, presa a seu trilho, Ella saiu desfilando, uma boneca do tamanho de uma criança, levando uma xícara e um pires nas mãozinhas como se oferecendo a um convidado. O vestidinho xadrez de Ella continuava impecável, e os sapatos de couro ainda brilhavam; talvez o armário a tivesse protegido dos estragos da umidade. Charlie tivera roupas idênticas um dia, quando ela e a boneca eram da mesma altura.

— Oi, Ella — cumprimentou Charlie, baixinho.

À medida que a roda ia fazendo o movimento reverso, Ella retornava para o armário, e a porta se fechou depois que a boneca entrou. Charlie a seguiu. Eram três armários, que foram construídos alinhados à inclinação do teto. Ella morava no menor, que tinha cerca de um metro de altura. Ao lado ficava o segundo, uns trinta centímetros mais alto, e depois o terceiro, o mais próximo da porta do quarto, que ia até o teto do cômodo. Charlie sorriu, recordando.

"Por que é que você tem três armários?", perguntara John na primeira vez que foi à casa. Ela olhou para ele, confusa.

"Porque sim, ué", respondeu, enfim. Apontou, na defensiva, para o menor deles. "Mas aquele ali é da Ella", acrescentou. John assentiu, satisfeito com a explicação.

Charlie abriu a porta do móvel do meio — ou tentou. Estava trancada. Ela a sacudiu algumas vezes, mas desistiu sem muita convicção. Continuou agachada e olhou para o armário mais alto, seu *armário de mocinha*, que um dia teria tamanho para usar. "Não vai precisar dele até estar mais crescidinha", seu pai costumava dizer, mas esse dia nunca chegou. Embora a porta estivesse entreaberta, Charlie não quis mais saber. Não estava se abrindo para ela; era só a ação do tempo.

Quando fez menção de se levantar, Charlie notou algo reluzente, meio escondido sob a porta trancada do armário do meio. Inclinou-se para pegar. Parecia um pedaço quebrado de uma placa de circuito. Ela deu um sorrisinho. Houve uma época, muitos anos antes, em que poderia encontrar porcas, parafusos, sucatas e partes avulsas por todos os cantos da casa. O pai sempre tinha alguma pecinha solitária escondida nos bolsos. Carregava para cima e para baixo os projetos em que estava trabalhando, os deixava em algum lugar e depois esquecia onde, ou ainda pior: guardava algo "para não perder" e acabava nunca encontrando. Havia também alguns fios de cabelo da menina presos no pedaço quebrado de placa; ela os desembolou da pecinha de metal com cuidado.

Finalmente, como se viesse adiando o momento, Charlie cruzou o cômodo e pegou Theodore. O sol não tinha desbotado as costas do brinquedo como fizera com a parte da frente; ali, ele permanecia do mesmo tom escuro de roxo que ela lembrava. Apertou o botão na base do pescoço, mas ele continuou flácido, sem vida. O pelo estava puído, uma das orelhas, quase solta, presa apenas por um fio apodrecido, e pelo buraco que se formava Charlie via a placa verde lá dentro. Ela prendeu a respiração, tentando escutar algo, temerosa.

— Eu t... mo... lie — disse o coelho com ruídos hesitantes e quase inaudíveis, e a garota o colocou no chão, o rosto quente e o coração apertado.

Não esperava ouvir a voz do pai outra vez. *Também te amo.*

Charlie olhou ao redor do quarto. Quando criança, aquele era seu mundo mágico particular, e ela era possessiva com ele. Apenas alguns amigos escolhidos a dedo tinham permissão para

entrar. Ela foi até a cama e colocou Stanley no trilho de novo. Saiu do quarto, fechando a porta antes que o unicórnio pequenino chegasse ao seu destino.

Saiu da casa pela porta dos fundos e parou diante da garagem que funcionava como oficina do pai. Meio enterrado no cascalho a poucos passos adiante, Charlie pegou um pedacinho de metal. Tinha uma articulação no meio, e ela abriu um sorriso ao empurrá-la para a frente e para trás. *É uma articulação de cotovelo*, pensou. *Para quem devia ser?*

Charlie estivera ali naquele ponto do quintal muitas vezes. Fechou os olhos, e as lembranças a invadiram. Voltara a ser uma menininha, sentada no chão da oficina do pai, brincando com pedacinhos de sucata de madeira e de metal como se fossem blocos de montar, tentando construir uma torre com peças irregulares que não se encaixavam. A garagem era quente, e ela estava de short e tênis, a fuligem grudando em suas pernas suadas. Quase sentia o odor pungente e metálico do ferro de solda. O pai estava por perto, nunca saindo de vista, trabalhando em Stanley, o unicórnio.

O focinho ainda estava inacabado: um lado era branco, brilhante e simpático, com um reluzente olho castanho que quase parecia enxergar. A outra metade era apenas placas de circuito e partes de metal. O pai de Charlie olhou para a filha e sorriu, e a menina também sorriu, se sentindo amada. Em um corredor escuro atrás dele, quase visível, estava pendurado um aglomerado de membros metálicos, um esqueleto retorcido com olhos prateados ardentes. De tempos em tempos, tinha um espasmo esquisito. Charlie tentava não olhar para ele, mas enquanto o pai trabalhava e ela se distraía com os brinquedos improvisados, seu olhar acabava sendo atraído para aquele canto.

Os braços e as pernas, contorcidos, pareciam quase debochar dela, feito um bobo da corte sombrio, e ainda assim havia algo naquela confusão que sugeria uma dor imensa.

"Papai?", chamou Charlie, e o pai não tirou os olhos do trabalho. "Papai?", repetiu ela, com mais urgência, e ele se virou para a filha devagar como se não estivesse presente de corpo e alma naquele mundo.

"Está precisando de alguma coisa, amor?"

Ela apontou para o esqueleto de metal. *Dói?*, era o que queria perguntar, mas quando encarou o pai, descobriu que não conseguia. Balançou a cabeça.

"Nada, não."

Ele assentiu com um sorriso distraído e voltou ao trabalho. Atrás, a criatura teve outro daqueles espasmos horríveis, e seus olhos ainda ardiam.

Charlie teve um calafrio e voltou ao presente. Olhou para trás, se sentindo observada. Quando abaixou a cabeça, algo chamou sua atenção: três sulcos no solo, com uma pequena distância entre eles. Ajoelhou-se, intrigada, e passou o dedo por cima de um. O cascalho tinha sido espalhado, deixando marcas profundas na terra. *Um tripé de câmera ou algo do tipo?* Foi o primeiro detalhe que encontrou ali que não lhe era familiar. A porta da oficina estava entreaberta, convidativa, mas ela não sentiu nenhuma vontade de entrar. Sem perder tempo, voltou para o carro, mas foi obrigada a parar assim que se instalou no banco do motorista. Não encontrou as chaves — elas deviam ter caído do bolso em algum lugar da casa.

Refez os passos, mal checando na sala de estar ou na cozinha e seguindo logo para o quarto. O chaveiro estava na cadeira de

vime, ao lado de Theodore, o coelho. Pegou-o e sacudiu as chaves por um segundo; ainda não estava pronta para deixar o quarto. Sentou-se na cama. Stanley, o unicórnio, tinha parado bem ao lado dela, como sempre, e ao se sentar, Charlie acariciou a cabeça dele. No meio-tempo em que ficou lá fora o dia escureceu, e àquela altura sombras se projetavam no quarto. E de alguma forma, sem a luz forte do sol, os defeitos e a deterioração dos brinquedos ficavam ainda mais evidentes. Os olhos de Theodore já não brilhavam, e a pelagem rala e a orelhinha solta lhe davam a aparência de um bêbado caído na sarjeta. Quando Charlie olhou para Stanley, a ferrugem ao redor dos olhos do unicórnio fazia com que parecessem órbitas vazias, e os dentes à mostra, que ela sempre interpretara como um sorriso acolhedor, viraram o terrível sorriso de uma caveira. Charlie se levantou, tomando o cuidado de não tocar em mais nada, e correu em direção à porta, mas prendeu o pé na roda ao lado da cama. Quando se soltou, tropeçou nos trilhos e se estabacou no chão. Ouviu o zumbido de metal girando, e, ao levantar um pouco a cabeça, um par de pés pequeninos apareceu embaixo de seu nariz, calçados em sapatinhos de verniz. A menina olhou para cima.

Lá estava Ella, muda e indesejada, olhando para sua dona, os olhos vítreos quase pareciam enxergar. Xícara e pires estavam estendidos em suas mãos com rigidez militar. Charlie ficou de pé, tentando não encostar na boneca. Saiu do quarto, dando passos calculados para evitar acionar qualquer outro brinquedo por acidente. Enquanto a garota saía, Ella retornava ao armário, ambas se movendo praticamente na mesma velocidade.

Charlie desceu a escada correndo, desesperada para sair dali. No carro, depois de três tentativas, conseguiu enfiar a chave na

ignição. Saiu da vaga bem depressa, sem medo de passar sobre a grama do quintal, e acelerou. Um quilômetro e meio depois, Charlie parou no acostamento e desligou o carro, fitando pelo para-brisa o vazio à sua frente, sem focar o olhar em nada especificamente. Esforçou-se para acalmar a respiração. Levantou a mão e ajustou o espelho retrovisor para que pudesse se ver no reflexo.

Sempre esperava encontrar dor, raiva e pesar estampados em seu rosto, mas isso nunca acontecia. Suas bochechas estavam rosadas, e a face redonda parecia quase animada, como de costume. Nas primeiras semanas morando com tia Jen, sempre ouvia a mesma frase quando era apresentada a alguém: *Mas que menina linda. Tem uma carinha tão alegre.* Estava sempre disposta a ser simpática, os olhos castanhos grandes e brilhantes, a boca fina, pronta para abrir um sorriso, mesmo quando tudo que queria era soluçar de tanto chorar. A incongruência era uma leve traição. Passou os dedos pelos cabelos castanho-claros, como se, em um passe de mágica, aquilo fosse domar os fios arrepiados, e depois recolocou o espelho na posição normal.

Ligou o motor e procurou uma estação de rádio decente, torcendo para que a música a trouxesse de volta à realidade. Foi passando uma por uma, sem parar para ouvir nada, e enfim optou pela frequência AM, na qual um locutor parecia estar gritando de maneira condescendente para a plateia. Charlie não fazia ideia do que o homem berrava, mas a fala rude e irritante bastou para ancorá-la ao presente mais uma vez. O relógio do carro estava sempre errado, então ela consultou o de pulso. Estava quase na hora do encontro que marcou com os amigos em uma lanchonete perto do centro da cidade.

Charlie pegou a estrada novamente, deixando que o discurso raivoso do locutor de rádio acalmasse sua mente.

Quando chegou ao restaurante, entrou no estacionamento e parou, mas não chegou a estacionar. Na frente da lanchonete havia uma janela comprida, e ela podia ver tudo lá dentro. Embora fizesse anos que não os encontrava, não levou nem um minuto para identificar os amigos através da vidraça.

Jessica era a que mais se destacava na multidão. Sempre enviava fotografias junto com as cartas, e naquele momento estava idêntica à última foto que Charlie recebera. Mesmo sentada, era claramente mais alta do que os dois garotos, e muito magra. Embora Charlie não pudesse ver o modelito completo, a amiga estava com uma bata branca soltinha e um colete bordado, e usava um chapéu sobre os cabelos castanhos sedosos que batiam nos ombros, sem falar na flor enorme que ameaçava cair dele. Gesticulava, empolgada, enquanto falava.

Os dois garotos estavam sentados juntos de frente para Jessica. Carlton parecia a mesma criancinha ruiva de antes. Tinha resquícios da carinha de bebê, mas as feições estavam mais refinadas, e os cabelos haviam sido cuidadosamente bagunçados, mantidos no lugar pelo que só podia ser algum produto capilar alquímico. Tinha uma beleza quase feminina e vestia uma daquelas camisetas de ginástica preta, embora Charlie duvidasse que ele tivesse colocado os pés em uma academia alguma vez na vida. Debruçava-se na mesa, com o queixo apoiado nas mãos. A seu lado, John estava sentado mais perto da janela. Tinha sido o tipo de criança que se sujava antes mesmo de sair de casa: quando a professora ia distribuir os kits de aquarela, sua camiseta já estava manchada de tinta; antes de sequer ter chegado ao

parquinho, os joelhos já estavam imundos de grama; segundos depois de ter lavado as mãos, tinha sujeira debaixo das unhas. Charlie o reconheceu, pois não poderia ser outra pessoa, mas o amigo estava totalmente mudado. A imundície da infância fora substituída por uma aparência arrumada e limpa. Vestia camisa social verde-clara, bem engomada, as mangas dobradas e os botões da gola abertos, o que o deixava com cara de almofadinha. Estava recostado, confiante, no banco da mesa, assentindo com entusiasmo, absorto no que quer que Jessica estivesse dizendo. A única coisa que continuava igual eram os cabelos, bagunçados e apontando para todos os lados, e a barba por fazer — uma versão presunçosa e adulta de toda a sujeira que estava sempre grudada nele quando criança.

Charlie abriu um sorriso. John fora o mais próximo que ela teve de uma paixonite de infância, antes mesmo de eles sequer entenderem o que aquilo significava. Ele sempre lhe dava os biscoitos que levava em sua lancheira dos Transformers e, uma vez no jardim de infância, chegou até a assumir a culpa quando ela quebrou a jarra que guardava as miçangas coloridas da aula de artes. Charlie se recordava do exato instante em que o vidro escorregara de suas mãos; ficou parada observando. Não teria sido ágil o suficiente para evitar que ele se quebrasse, mas também nem tentou. Queria ver o vidro se espatifando. Ele atingiu o piso de madeira e se estilhaçou em mil pedacinhos, e as continhas se espalharam, em uma explosão de cores por entre os cacos. Achou a cena linda e em seguida começou a chorar. John acabou levando uma advertência para casa. Quando ela agradeceu, ele piscou com uma ironia que desafiava sua idade e se limitou a perguntar "pelo quê?".

Depois disso, John recebeu permissão para entrar no quarto dela e brincar com Stanley e Theodore. Charlie ficou observando com nervosismo quando ele aprendeu a apertar os botões certos para movê-los. Teria ficado arrasada se John não tivesse gostado dos brinquedos, pois sabia que isso diminuiria sua admiração por ele. Aquela era a família dela. Mas ele ficou fascinado assim que bateu o olho nas criações; amou os brinquedos, e ela o amou por isso. Dois anos depois, atrás de uma árvore próxima à oficina do pai, ela quase deixou que ele a beijasse. E então *aquilo* aconteceu, e tudo acabou, pelo menos para Charlie.

Ela balançou a cabeça, forçando os pensamentos a voltar ao presente. Olhou mais uma vez para a aparência sofisticada de Jessica e depois analisou suas próprias roupas. Camiseta roxa, jaqueta jeans, calça jeans preta e coturnos. Tinha lhe parecido uma boa opção pela manhã, mas naquele momento desejava ter escolhido algo diferente. *É o que você usa sempre*, lembrou a si mesma. Estacionou em uma vaga e trancou as portas, embora os moradores de Hurricane não tivessem esse hábito. Depois entrou na lanchonete para se encontrar com os amigos pela primeira vez em dez anos.

Calor, barulho e iluminação a atingiram feito uma onda quando ela entrou no restaurante. Por um momento, se sentiu desnorteada, mas Jessica notou que ela estava parada à porta e gritou seu nome. Charlie sorriu e se aproximou.

— Oi — disse ela, sem jeito, passando os olhos por todos os presentes, mas sem fazer contato visual com ninguém.

Jessica deslizou para o lado no banco de vinil vermelho, dando tapinhas para indicar o lugar vago.

DO CRIADOR DE *FIVE NIGHTS AT FREDDY'S*, A ASSUSTADORA SÉRIE DE GAMES QUE ESTÁ ATERRORIZANDO A INTERNET

Você está pronto para experimentar o horror da Pizzaria Freddy Fazbear's e conhecer seus monstruosos animatrônicos?

No popular videogame criado por Scott Cawthon, o jogador assume o papel de um segurança contratado para tomar conta da pizzaria durante a noite, enquanto bonecos robôs perambulam e ganham ímpeto assassino. Mas o mistério por trás dessas criaturas e das mortes que ocorreram ali nunca foi desvendado... até agora.

Olhos prateados expande o universo que conquistou fãs no mundo todo e traz à tona os medos mais obscuros que só brinquedos sinistros são capazes de provocar.

ISBN 978-85-510-0146-2

9 788551 001462

www.intrinseca.com.br